

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENCA -

Número avulsos
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

BOCADINHOS INTERESSANTES

TRACTADO PANEGYRICO EM LOUVOR DA VILLA DE BARCELOS
DO

P.º Frey Pedro de Poyares (1672)

Licenças do Santo Officio

Vistas as informações podeem-se imprimir este livro intitulado, Tractado Panegyrico, em louvor da Villa de Barcellos, Autor o Padre Frey Pedro de Poyares, sjuntandolhe hum protesto na fórma do Breve de Vroano VIII. e impresso tornará pera se conferir e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa - 18 de Abril de 1670.

Diogo de Souza — Frey Pedro de Magalhaens — Alexandre da Sylva — Francisco Barreto.

Podese imprimir. Lisboa o Cabido Sede Vacante, Mayo 21. de 670. — Cordes.

LICENÇAS DO PAÇO

Manda o Principe Nosso Senhor, que o Doutor Diogo de Carvalho Cerqueira, Dezembargador da Casa da Suplicação, veja este livro e informe com seu parecer. Lisboa 25 de Mayo de 1670.

Marques P. — Monteyro. — Magalhaens de Meneses. — Lemos. — Miranda.

**

Vi o livro, que se intitula, Panegyrico em louvor da Villa de Barcellos, por rezão das Cruzes, que n'ella apparecem composto pello P.º Frey Pedro de Poyares, Prégador na Provincia da Piedade, e lente que foy de Theologia no Convento de São Francisco d'Elvar, e me pareço digno de ter em seu principio aquelle mote, que se acha nas mais, das antigas impressoens de Leão, *Virtute Duce, Comite fortuna.* porque n'elle ha muito evidentes provas de virtude, letras, e erudição de seu autor, de mais de que se conhece a felicidade com q. descobre antiguidades muito dignas de andarem na memoria dos homens, as quaes descreve com candides de animo, e elegancia de phrase, pello que me parece digno de estamparse, V. A. mandará o que for mais justo: Lisboa de Mayo 30. de 670.

DIOGO DE CARVALHO CERQUEIRA

Que se possa imprimir, visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso torne a esta meza para se conferir, e tacha e, sem isso não correrá. Lisboa, e 16 de junho de 670. Marques P. — Monteyro. — Lemos. — Miranda. — Carneiro.

Pode correr este livro. Lisboa 18. d'Agosto de 1672.

Fr. Pedro de Magalhaens.

M. de Magalhaens de Meneses.

Alexandre da Sylva. — M. Pimentel de Souza. — Fernam Correa Lacerda.

Taisão este livro em reis. Lisboa 20. d'Agosto de 1672.

Mont. Mirand. Carn. Roxas.

(Vidé obra citada)

Fra Casil.

Carvalhal, 27-6-1933

Tendo pedido a exoneração da parochialidade desta freguesia o nosso rev.º paroco José Antonio Ayres, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, confiou a parochia ao Rev.º Adrião das Neves Saraiva, da nobre cidade de Guimarães que brevemente tomará posse

da freguesia que muito tem a esperar do zelo e comprovada virtude do novo pároco.

— No 4.º Domingo de Julho proximo terá lugar a festa do SS. Sacramento desta fréguesia.

— No 4.º Domingo de Agosto tencionam realizar um triduo do Sagrado Coração de Jesus os seguintes Srs: José Antonio de Carvalho (o Pinto da Bouça), zelador; José de Carvalho Ferreira e Felcissimo Ferreira, zeladores; Domingos Antonio Fernandes, José Joaquim Gomes, Ana Gonçalves, Albina Arantes, Augusto Fernandes (Ribeiro), Manuel José Alves, João L. Machado, e mais alguns associados e devotos do Coração de Jesus, que não pagaram os annos estabelecidos.

Honra lhes seja e cá ficámos esperando pela realização do triduo em Agosto próximo.

— A chuva embora pouca, veio beneficiar muito as sementiças e as uvas que quasi só faltam pintar: vamos, com certeza ter vinho novo nos principios de Setembro.

— Na proxima semana estabelecerá residencia definitiva, na villa da Povoia de Varzim, o nosso paroco Rev.º José A. Ayres, que pelo espaço de 4 anos, paroqueou esta fréguesia, conseguindo as simpatias e veneração de todas as pessoas de bem desta freguesia.

O nosso vivo desejo e que se restabeleça depressa, para poder continuar a exercer o seu zelo pelas almas.

RECORDANDO O PASSADO

14 de Agosto de 1385

Morre combatendo em Aljobarrota contra o Mestre de Avis o Conde de Barcelos D. João Afonso Teles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor de Teles. Finda esta batalha foi armado Cavaleiro Alvaro de Faria filho mais novo de Nuno Gonçalves o célebre Alcaide do Castelo de Faria.

16 de agosto de 1518.

Faz seu testamento Diogo da Costa, muito honrado escudeiro fidalgo de Barcelos, referindo-se nele á instituição do morgado da Capela de S. Francisco, feita por seu tio Fernão Anes da Coste, secretario do Duque de Bragança D. Fernando I.

6 de Novembro 1556

Falece D. João IV que, antes de começar a reinar, foi duque de Barcelos

4 de agosto de 1562

El-rei D. Sebastião faz duque de Barcelos ao conde do mesmo tiaujo e sexto duque de Bragança D. João, filho de D. Teodorio e de D. Joana de Lencastre.

19 de agosto de 1572.

El Rei D. Sebastião eleva à catagoria de vila o lugar de Espozedde, do julgado de Neiva, apartando-o de qualquer sujeição a Barcelos.

11 de agosto de 1634

O ordinario confirma os estatutos de irmandade clerical das Alma erecta na antiga Capela do Espirito Santo, que ficava onde hoje é o jardim público e que dela passou para a de S. José.

23 de agosto de 1649.

Lança-se a 1.ª pedra para a fundação do convento dos Capuchos da villa de Barcelos, havendo procissão solene com danças ornatadas pelos moradores.

31 de agosto 1649

A Camara de Barcelos faz convite aos lavradores dentro de uma légua em circnito da villa para, com bois e carros, trazerem a pedra necessária para construir o convento de N.ª S.ª da Conceição fundado em 22 deste mez. Hoje está servindo para o Hospital da Misericórdia.

24 de Outubro de 1670.

D. Catarina Ramires de Faria, consente na mudança do altar de S. Francisco de junto do pilar para a capela da Encarnação, que então havia na colegiada, onde se vê a porta travesso virada ao paço dos duques de Barcelos.

14 de agosto de 1701

D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo Primaz, lança a 1.ª pedra para fundação do Mosteiro de S. Bento de Barcelos.

4 de Setembro de 1710.

Lança-se e primeira pedra para a fundação das Capelas dos Passos do Redentor, que estão na subida para o Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira.

4 de setembro de 1781

Morre em Braga D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo primaz, fundador do Mosteiro de S. Bento de Barcelos, (hoje a Igreja do Terço).

(Continua na 4.ª página.)



O Evangelho

As turbas seguiam a Jesus, para ouvirem a palavra de Deus, estando elle junto ao lago de Genesareth; dois barcos estavam no lago, mas os pescadores tinham descido e lavavam as redes: Subindo então para um dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e sentando-se, dai ensinava as turbas; depois disse a Simão: «Navega para o alto, e lança as redes para pescar». E Simão respondeu: «Mestre trabalhando tôta a noite, nada apanhamos; mas segundo a vossa palavra, lançarei as redes». Obedecendo apanhou tão copiosa quantidade de peixe, que as redes se rompiam; chamou por isso os companheiros do outro barco para que viessem ajudá-lo. Encheram de tal modo os barcos, que se submergiam. E vendo isto Simão Pedro, prostou-se aos pés de Jesus dizendo: «Afastai-vos de mim, Senhor, que sou pecador!» A admiração, tomava a todos os que com elle estavam a pescar, assim como Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram os companheiros de Simão. E Jesus disse a Simão: «Não temas; desde agora, serás pescador de homens». Trazendo os barcos para terra, deixaram tudo, seguiram Jesus.

As virtudes cristãs

Mestre: trabalhando toda a noite, nada apanhamos; mas segundo a vossa palavra, lançarei as redes.

A doutrina dos Evangelhos, cristãos, é própria de todos os séculos, porque a verdade do Senhor há-de permanecer eternamente, como diz o salmista; escrita há dezenove séculos, acha-se hoje tão acomodada às necessidades morais da época que atravessamos, que parece escrita de propósito para as remediar. Se alguma prova quizessemos desta importantíssima verdade, acha-la-íamos no Evangelho deste domingo.

Para castigar esse espírito de independência, de orgulho e egoísmo que se estadeia por toda a parte, nada melhor que os exemplos das virtudes cristãs que nos oferecem os primeiros discípulos de Jesus e que nos refere hoje o Evangelho, ao narrar o episódio da pesca milagrosa no mar de Tiberiades.

Vamos vê-lo nesta simples prática, afirmando desde já que devemos procurar em primeiro lugar as virtudes cristãs, e de um modo especial as tres que mais distinguem o discípulo de Jesus Cristo.

Lemos, pois, no Evangelho de hoje, que estando Jesus a prègar junto ao mar de Tiberiades ou lago de Genesaret, e vendo-se rodeado de fieis que o escutavam, subiu para uma das barcas próximas, a de Pedro, e dela doutrinava a multidão reunida na praia. Terminado o sermão, mandou Jesus a Pedro que dirigisse a barca para o mar alto e deitasse as redes da pesca. Obedeceu o Apóstolo, mas não sem dizer a sua opinião: *Mestre, já trabalhamos toda a noite e sem resultado; mas lançarei as redes segundo a vossa palavra.* Assim fez, e tirou tanta quantidade de peixe que não cabia na barca, e precisou de chamar em seu auxilio outra barca, a dos irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu.

Vamos vêr nesta formosa passagem uma lição de virtudes cristãs; mas antes, ponderemos a necessidade que temos de as adquirir.

I.— Por muitas razões está o homem obrigado a ser virtuoso; mas fixêmo-nos na necessidade especial que incumbe a todo o cristão de adquirir estas virtudes que se chamam cristãs, e que nos ensina hoje o Evangelho.

1.— Por ser cristão.

Já sabeis que o nome de cristão equivale a discípulo de Jesus Cristo, e mau discípulo seria o que não aprendesse o que o seu mestre lhe ensina como essencial. Repetidas vezes Jesus Cristo se chamava Mestre e se honrava com este título, dizendo aos Apóstolos: *Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou . . . Dei-vos o exemplo, para que façais como eu fiz.* (Joan., XIII, 13, 15). De modo que na sua escola é preciso aprender primeiro que tudo exemplos de virtude, e por isso dizia: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração* (Mat., XI, 29). Assim se manifestou no episódio que hoje nos refere o Evangelho, exercendo o officio de Mestre na barca de Pedro, símbolo da Igreja, por meio da qual nos ensina a todos a verdadeira doutrina, e a ensinava até ao fim dos séculos. Escutêmo-la.

2.— Para não trabalhar em vão.

Se em vós de seguir a doutrina e virtudes de Jesus Cristo, nos apoiamos nas nossas ideias e caprichos, e nos fiamos só nas virtudes cívicas, teremos que dizer e confessar com Pedro: *Trabalhamos toda a noite, e nada obtivemos.* E' certo; é trabalhar em vão tudo o que se não faz por Deus ou pela glória do céu, pois são do divino Mestre estas palavras: *Sem mim nada podereis fazer* (Joan., XV, 5), e havia predito pelos seus profetas: *Se o Senhor não edificar a casa, é em vão que trabalham os que a edificam* (Psal., CXXVI, 1); e por fim, tudo está perdido para o que não se salva, e não se salvam senão os que estão com o Salvador dos homens, o qual afirmou categoricamente: *Quem não é comigo, é contra mim: e quem não colher comigo, desperdiça* (Luc., XI, 23).

3.— Para obter bençãos.

Não há outro meio para obter as bençãos celestiais, e com elas o éxito feliz de nossas empenhas, fóra do seguimento de Jesus Cristo ou aquisição das virtudes cristãs. Como S. Pedro que, sujeitando-se à obediência, apesar das suas razões, logrou pesca abundante, e desde então foi escolhido para pescador de almas, assim nós obteremos abundância de méritos e graças divinas, e depois a glória eterna, cultivando as mesmas virtudes, e não de outro modo. E o Senhor tem de cumprir a solene promessa que fez a seus Apóstolos: *Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-á concedido* (Joan., XV, 7).

II.— Vamos ver resumidamente que virtudes cristãs são estas que especialmente nos recomenda o Evangelho e que resultam do facto que hoje nos refere.

1.— A obediência.

Trabalhou Pedro por sua conta a noite inteira, e nada conseguiu; trabalhou um momento por conta de Jesus Cristo, obedecendo a suas ordens, e logrou fruto copioso. Eis os milagres da obediência, a virtude que o Senhor exige de todos os que querem ser seus discípulos: *Nêgue-se cada um a si mesmo, e siga-me.* Resume-se nesta virtude toda a existência de Jesus na terra: *Fez-se obediante até à morte, e morte de cruz* (Philip., II, 8). Obedecei à Igreja, aos vossos superiores.

2.— A caridade.

A uma chamada dos que estavam na barca de Pedro, vieram os da outra em auxilio, e mutuamente se ajudaram e aproveitaram da pesca. *Levai os fardos uns dos outros, e desta maneira comprireis a lei de Cristo* (Galat., VI, 2). E' esta a virtude que o Senhor principalmente nos recomendou na noite da Ceia: *O meu preceito é este: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei* (Joan., XV, 12). Não tenhamos ódio, inimidade, inveja, seja a quem fór.

3.— A humildade.

Ao presenciar aquella maravilha, Pedro humilhou-se profundamente, considerando-se indigno de estar na presença de Jesus; e o

Senhor confortou-o, dando-lhe como prémio o ser pescador de almas. Eis aqui o fundamento da vida cristã: a humildade: *Todo aquele que se fizer pequeno, como este menino, esse será o maior no reino dos céus* (Mat., XVIII, 4). *Humilhêmo-nos sob a poderosa mão de Deus* (I Petr., V, 6).

Cristãos: Não corramos atrás de aparentes virtudes nem fomentemos a hipocrisia, mas adquiramos as virtudes sólidas do cristão: a humildade, a obediência, a caridade, que nos ensina o Evangelho de hoje. Assim o exige a nossa condição de cristãos, o próprio interesse, e a salvação eterna: *Fazei assim, e vivereis eternamente* (Luc., X, 28).

Imitemos a Santíssima Virgem, cuja festa litúrgica da Visitação a sua prima Santa Isabel a Igreja hoje comemora solenemente. Ela foi de uma obediência pronta às inspirações de Deus: *«A graça do Espírito Santo não conhece lentidões»*, diz S. Ambrósio. Foi de uma caridade profunda e magnánima, não olhando à delicadeza da idade, nem às dificuldades da viagem; a caridade pode tudo e dá azas: *O amor é forte como a morte.* Ela foi de uma grande humildade; ainda que Mãe de Deus e superior a Isabel, Maria vai ter com ela e saída-a primeiro; mais ainda: visita-a para a servir, imitando com antecedência a conduta do seu divino Filho, *que veio ao mundo, não para ser servido, mas para servir.*

Assim procedem as almas verdadeiramente humildes e doces, obedientes e caridosas, cheias do Espírito Santo.

Calendário da Semana

JULHO

- 2 Domingo. Visitação de Nossa Senhora.
- 3 Segunda. B. Bernardino Realino.
- 4 Terça Santa Isabel de Portugal.
- 5 Quarta Snto António M Zacarias
- 6 Quinta Oitava dos SS. App. Pedro e Paulo.
- 7 Sexta SS. Cirilo e Metódio.
- 8 Sabado S. Procópio.

Uma do Sr. Júlio Dantas

Um correspondente do Rio de Janeiro, para um dos melhores diários da capital, conta o seguinte, que vem confirmar a nossa opinião acerca do quasi nulo valor literário e histórico do Sr. Dr. Júlio Dantas:

«O que causou penosa impressão, o que assombrou os portugueses no Brazil, não foi a reedição de requintadas diatribes de desconhecidos escritores, mas o elogio franco de uma pretensa obra da investigação histórica — «No tempo dos Vice-Reis» — pelo Sr. Dr. Júlio Dantas, quando as penas de maior vulto na imprensa carioca lhe apontaram os erros e as falsidades. Isto sim, melindrou, espantou e deixou aturdida a nossa alma de compatriotas.

Inacreditável que um escritor das responsabilidades e representação do Presidente da Academia de Sciências de Lisboa haja dado, em um dos diários do Rio de Janeiro, o seu aplauso a uma obra incomparavelmente mais nociva que todos os outros livros!»

Uma profecia que ha-de cumprir-se: — Daqui a 50 anos (se tanto!), ninguém saberá explicar os motivos porque tão insigne bufarinho das letras (e principalmente das . . . tretas) logrou ser tanta coisa em Portugal! Porque a verdade é que o nosso país é alfôbre de escritores de raça . . . que não só de *Julinhos Dautoches* . . . e quejandos fantoches: como é então que tanto elle tem subido? Não será por de mais ter descido? . . .

Considerações oportunas

O zelo, a propósito dos santos apóstolos Pedro e Paulo

Pedro e Paulo o que eram, antes de responderem à graça da conversão? Bem o sabemos, pelo que se lê a seu respeito no Evangelho. Chamados por Jesus para o seu apostolado, é ver como se converteram em verdadeiros homens de zelo, verdadeiros apóstolos.

Mas em que consiste o zelo? O zelo é uma chama de amor, que esclarece e abraza a alma, levando-a não somente a amar a Deus e servi-lo, mas torná-lo conhecido, amado das almas, que desde então se dedicam a servi-lo, a glorificá-lo. A origem do zelo é divina; é Jesus Cristo que comunica às almas uma tal graça; é ver a vocação de Pedro e a conversão de Paulo. Porém não basta que esta semente seja lançada nas almas; é preciso depois o concurso, a cooperação do homem, que a deve aceitar, alimentar e pôr em actividade.

Em actividade, como? Qual deve ser o objecto de zelo? O primeiro objecto somos nós mesmos, trabalhando cada um em corrigir os próprios defeitos, em adquirir virtudes cristãs e em aperfeiçoar as virtudes mais próprias do seu estado. O segundo objecto são os nossos próximos, isto é — a própria família, ou aqueles com quem estamos em relações mais directas ou intimas, fazendo o possível por que entre eles reinem a justiça e a caridade. Enfim objectos de zelo devem ser os mais necessitados dos nossos irmãos em Jesus Cristo — as crianças, os doentes, os pecadores.

Quais os meios que devemos empregar? Antes de tudo o exemplo; algumas vezes a palavra; e sempre, a oração.

As qualidades principais que deve ter o zelo são, sem duvida, a prudência, sem respeito humano, nem fraqueza, a doçura, a humildade e a perseverança.

Diz S. Paulo (Gal., VI, 1): «Corrigi o vosso irmão com doçura, acautelando-te a ti mesmo com receio que também tu não sejas tentado».

Faça-se o bem, onde é necessário, não escolhendo pessoas. S. Paulo dizia que se fazia tudo para todos, a fim de salvar a todos.

E como nada podemos fazer com mérito para o Céu, sendo indispensável o concurso da graça divina, e esta se alcança pela oração, que jamais falte sempre e em tudo a humildade, porque Deus não escuta a oração dum coração orgulhoso (Jac., IV, 6).

Acima de tudo tenhamos sempre em vista a vontade de Deus, e não a nossa própria vontade. Foi o que Jesus nos ensinou a dizer ao nosso bom Pai — seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu.

Aprendamos dos dois grandes apóstolos a correspondência à graça e a cooperação com a graça, que é o zelo em actividade. O campo aberto ao zelo é vastíssimo.

SILVIO.

A cruz é um navio; ninguém pode atravessar a salvo o mar deste mundo, fóra da barca de Cristo.

Santo Agostinho.

Jesus Cristo chamou-se a si próprio a Verdade, e não o costume.

Tertuliano.

Se hei-de converter-me amanhã, porque não há-de ser hoje? Sir cras, cur non hodie.

Santo Agostinho.

VARIEDADES

CONSELHO DE MÃE

Quando isto sucedeu, -- recordo-me tão bem
Que esta ideia inda hoje a minha alma abraça!
Andava eu passeando, a sós com minha mãe,
N'um pequeno jardim que tinha a nossa casa.

O Sol agonisava, ao longe, tristemente,
E, sôbre a vastidão puríssima do céu,
Entre nuvens de gaz, a lua, lentamente,
Vinha, como uma noiva, envolta no seu véu!

O ar tinha o perfume e a limpidez do estio,
Como esfinges de fogo aladas sôbre as alas,
Vogavam, muito ao longe, os barcos pelo rio,
Abrindo para o céu as grandes velas brancas.

Vinha caindo a noite, e minha mãe, cançada,
Sentara-se num banco: eu estava junto d'ela
Olhando aquela fronte angélica e sagrada,
Onde às vezes havia o brilho d'uma estrêla.

Do sol sereno e bom obedecendo aos mandos,
Fecharam-se a tremer, as pálidas florinhas,
Enquanto, pelo Azul, iam, em grandes bandos,
Alegres e a chilar, as meigas andorinhas,

Conversáramos muito; enfim, eu era, então,
Um pequeno travesso e amigo de falar,
E a conversa caiu — não sei porque razão
Sôbre uns visinhos meus que, em breve iam casar.

(Continua no número seguinte)

NOTA ALEGRE

Um viuvo inconsolável vai ver o busto da esposa, que mandara fazer para colocar na capela do mausoleu em que repousam os restos mortais da companheira querida. O estatuário diz-lhe:

—Veja bem se tem algum defeito; ainda estou a tempo de o aperfeiçoar.

O viuvo contempla o busto com enternecimento e exclama:

—E' ela... a boca pequenina... os cabelos ondedados... o nariz grosso...

E desatando a chorar, continua:

—Ah! o nariz grosso é sinal de bondade... e ela era uma santa... Faça-lhe o nariz mais grosso... mais grosso!...

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Da terra à lua a distancia—2
Não sei como se saber;
E farto estando de ler
Confesso minha ignorancia.

Embora já desde infancia
O tenha ouvido dizer
Me custa bastante a creer,
Sentindo até repugnancia.

Não me cabe na cachola
Que possa existir invento
P'ra medir tão grande bola.—2

Afirme-o qualquer portento,
Mas duvido haver escola
Que tenha tal instrumento.

Depois de muita pancada—2
Que apanhou a Serafina,
Para a cama foi levada—2
Depois de muita pancada,
Ficando bem molestada
Curou-lhe o mal a resina,
Depois de muita paccada
Que apanhou a Serafina.

EM FRASE

Deus quer a paz, o diabo, a desordem—1-4

Quero muito bem à «mulher» carinhosa—2-2

L. Heitor

Trago debaixo da capa desde alem uma pedra preciosa—2-1

A senhora tem um nome de «mulher»—2-2

Madre Helena

CHARADAS SINCOPADAS

por sílabas

3—Um servente de pedreiro
Que sei no porto nasceu,
Segundo li no «Janeiro»
No rio luso morreu.—2

Lebricho

3—O nome da galinha da India, csreve-se som com uma letra—2

3—Tanto serve para comer, como para prender.—2

H. Pita

AUMENTATIVA

Do mar o peixe ser, concordo,
Negá-lo embora entenda alguém;
Bússola sendo, acha-se a bordo,
De gula serve a quem convem.—3

H. Raio

ENIGMA

À barra do tribunal
Comparece um pobre diabo,
Levado por um nababo
Que o acuzá de venal.

() juiz do criminal,
Vindo há pouco de Luabo,
Percebeu—pelo que o gabou—
No réu algo de anormal.

E viu que não se enganou,
Porque quando o interrogou,
O seu nome perguntando:

O réu, silenciosamente,
Um T lhe mostrou somente,
Assim o nome indicando.

Lebricho

DIRESSÃO GEOGRÁFICA

O Ivo, tipo valente,
Lutando com uma fera.
Mostrou bem a toda a gente
De que força o Ivo era.

Agar Ramos

ENIGMA TIPOGRÁFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 25 são: Esterlina, Chologôgo, Estanca-cavalos, Petisca, Passado, Gorreiro-gorro, cavalo-caló, Coêlha-côlha, Ruda-adur, Chintrão, Lôbolôba, 2 contos, Ponte da Barca e Casar, mas ver com quem.

Lebricho.

Há uma virtude que resume, centralizo e une todas as forças vivas do coração: é a caridade com a sua triplíce feição — religiosa, social, individual. O fundamento dela e portanto o fundamento de todas as operações de um coração bem formado, é o amor de Deus.

Dr. Meneses.

Recordando o passado

(Continuação da 1.ª página)

5 de setembro 1740.

O reverendo Francisco Ayles Sousa, natural de Gilmoude, cria por escritura desta data lavrada na nota do tabelião André Ayres Lobo, o côro da Capela de S. José, com sete beneficiados.

Ano de 1902

Por edital da Câmara, de 28 de Fevereiro, foi publicada a arrematação da obra de pedreiro na parte do edificio dos Paços do Concelho com fachada para a rua Infante D. Henrique, sob a base de licitação de 3:200\$000 reis.

Por iniciativa do Dr. Delegado nesta Comarca Bernardo de Sousa Brito, a Câmara deliberou adquirir os necessários instrumentos para a montagem de um Posto Antropométrico—sistema Bertillon— (Vidé acta da sessão da Câmara de 28 de Fevereiro.)

Foi este posto inaugurado em dezembro deste ano.

APONTAMENTOS PARA A

HISTORIA DE BARCELOS

APOIO

(DO DR. MARTINS LIMA)

«Lendo há dias mais uma vez, a «Noticia descriptiva de Barcelos» do meu falecido amigo Amaral Ribeiro, barcelense tão notável pelo seu valor cívico como enriquecido pela applicação do seu espirito brilhante, detive-me na sua referència ao largo do Apoio, saudosíssimo local para mim pelas recordações da sonhada infancia.

O inolvidável barcelense diz aí que o padre Carvalho da Costa (Corografia Portuguesa) chama à pequena praça Poyo, talvez por nele se acharem os fornos publicos e a que modernamente chamam Apoio, não sabemos com que fundamento.

Ora, por muitas vezes me tem influenciado a ideia (o que não exige de rosto patente de invenção, pois já vem mencionado pelo Abade do Louro na sua «Memória Histórica») que devemos procurar denominação exquisita do largo nas circunstâncias que nele mesmo se davam.

O lado poente desta praça era todo constituido pelo solar dos Machados Carmonas, casa de antiga apparencia, onde vive ainda hoje como seu representante, o Ex.^{mo} Snr. e meu velho amigo José Machado Carmôna Salter de Mendonça.

Conta-se nesta vila que um dos Machados Carmônas, irritado pela prisão, bem que legal, de um seu creado, se dirigira à cadeia de Barcelos, com sete ou dez juntas de bois jingidas umas às outras, e fizera arrancar as grades da enxovia pondo o seu serviço em liberdade.

O facto parece verídico, pois que ainda há bem pouco tempo, três anos, quando muito, antes das obras feitas para a instalação da guarda da cadeia, a janela que existia encaixada no arco actual tinha vestígios de ter suportado outra grade de ferro, cujos buracos lacerados indicavam arrancamento.

O que não julgo real é que fosse um Machado Carmona, relativamente modernos, que praticasse aquella façanha, mas um antigo possuidor da mesma casa que tivesse largos privilégios.

Diz a tradição que por causa dessa cena violenta contra a auctoridade do rei perdera o nobre os seus foros.

E' uma referencia ao golpe de D. João II sobre o feudalismo.

O lado nascente do largo tinha uma bancada ou assento de pedra a todo o comprimento da casa que se demoliu para edificar em 1841 a que ora existe feita por Atanasio de Souza Pereira Lima.

Seria esta bancada de pedra pertença do solar fronteiro e presitaria defeza ou imunidade a quem lá se sentasse e daí apoio?

Significaria ella um direito antigo, sendo conservada de geração em geração, ou teria simplesmente a utilidade banal de conceder repouso aos frequentadores do antigo mercado?...

Não terá daquella maneira mais ou menos fundamento a exquisita denominação do largo?...

Dicanti paduani

O que nos deve merecer a atenção é a lenda do arrancamento das grades da cadeia andar aliada a um possuidor do solar do Apoio, os assentos de pedra do mesmo largo e a situação do solar intra-muros, devendo esse terreno ter pertencido à fidalguia histórica portuguesa, fidalguia que, no dizer de Fernão Lopes na «Crónica de D. João I», desapareceu na sua grande parte para dar lugar aos mesteirais nobilitados pelo Mestre d'Aviz.

A seguir vamos encetar a publicação dum interessante estudo sobre «O Poyo», trabalho do grande investigador Dr. António Ferraz.

Fra Casil.

PAÇO DOS CONDES DE BARCELOS

—Sua restauração para Museu—

(D'«O Comercio de Barcellos»
de 15 de Agosto de 1903)

Foi hontem adjudicada ao empreiteiro António de Miranda, d'esta vila, a obra de pedreiro do projecto de restauração do Paço dos Condes de Barcelos, a fazer nas ruinas do mesmo palacio, segundo o muito apreciado trabalho do distincto architecto e professor da Escola Industrial, de Leiria, Snr. Ernesto Korrodi.

A Camara desejando que esta obra seja feita com todo o rigor do projecto e sem defeitos architectonicos por errada comprehensão do projecto e sabendo que o Snr. Dr. António Ferraz, principal pugador d'esta restauração e vice-presidente da anterior vereação, que tomou a iniciativa d'este importante melhoramento, pelas suas conferencias com o Snr. Korrodi e estudo de antiguidades, conhece muito bem como deve ser executada a obra, deliberou pedir a este noso illustre e prestimoso patricio que se digne aceitar o encargo de fiscalisar aquella restauração, requisitando a comparencia do autor do projecto quando o julgue indispensavel.

A digna vereação que tem merecido os mais calorosos aplausos pela sua brilhante administração, não podia proceder mais acertadamente.

Consta-nos que a Ex.^{ma} Camara se preparava para receber congnamente El-Rei, que vem assistir às manobras de 16 e 17 do proximo mez de Setembro, caso Sua Magestade se dignasse visitar esta vila, convidando-o então para presidir ao lançamento da primeira pedra d'aquella restauração e oferecendo-lhe um almoço ou um lunche.

O digno presidente da Camara, porém recebeu hoje o telegrama seguinte :

«José Julio Vieira Ramos, presidente Camara Municipal Barcelos— S. M. El-Rei meu augusto amo sente que a sua muito curta ida ao Minho lhe não permita ir a Barcelos assistir à inauguração dos trabalhos de restauração dos Paços dos Condes de Barcelos, patriótica obra devida à intelligente iniciativa da digna presidencia de V.^a Ex.^a— Conde de Arnoso.»

Fra Casil

CREAÇÃO DA CIDADE DE BARCELOS

Ministério do Interior

Direcção Geral da Administração política e Civil

DECRETO N.º 15:929

Atendendo a que a vila de Barcelos tem uma população e um desenvolvimento urbano e industrial superiores a algumas cidades do País;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 11:740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15:331 de 9 de Abril de 1928 :

Hei por bem, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições, decretar, para valer como lei, o seguinte :

Artigo 1.º — A vila de Barcelos é elevada à categoria de cidade, ficando constituida pelos aglomerados urbanos das freguesias de Barcelos, Barcelinhos e Arcozelo.

Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Determina-se portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer o cumpram e façam cumprir e guardar tam inteiramente como n'elle se contem.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Governo da Republica, em 31 de Agosto de 1928 — Antonio Oscar de Fragoso Carmona — José Vicente de Freitas — José da Silva Monteiro — Antonio de Oliveira Salazar — Julio Ernesto de Moraes Sarmento — Anibal de Mesquita Guimarães — Antonio Maria de Bettencourt Rodrigues — José Dias de Araújo Correia — José Bacelar Bebiano — Duarte Pacheco — Joaquim Mendes de Amaral.

« — Vidé Diario do Governo — (1.ª serie) — n.º 205 de 5.ª feira 6 de Setembro de 1928 —)

A communicação da assisatura deste Decreto foi feita nas vesperas, por telegrama, pelo Dr. José da Silva Monteiro, ministro da justiça, ao Capitão d'engenharia Snr. Francisco Filipe dos Santos Caravana, presidente da Camara, o que provocou ruidosas manifestações de regozijo.

Fra Casil.